

ROMANCE AOS 75 ANOS

LILLIAN DARR

Ali estava ele, alto e bonito nos seus setenta e um anos. Ali estava eu, com quase setenta, quando sua figura atingiu em cheio meu coração.

Esperávamos na antessala do mesmo médico. Folheávamos revistas, sentados perto um do outro. Mas tenho certeza de que eu não conseguia prestar a mínima atenção no que estava lendo...

Uma hora depois, surpreendi-me ao vê-la no balcão da farmácia enquanto eu falava com o atendente.

- Temos de parar de nos encontrar assim - eu disse. Ele respondeu gentilmente, mas percebi que nem havia me notado no consultório.

Seu nome era Bill. Este estranho que tanto me atraía era o pai da professora de minha neta no jardim-de-infância. Seu próprio neto era da mesma turma e, curiosamente, as crianças se adoravam.

Cada um de nós se mudara para Iowa para ficar perto dos filhos e netos. Tínhamos deixado histórias de romances infelizes atrás e, de certa forma, estávamos recomeçando.

Quanto mais eu conhecia esse homem, mais ficava impressionada. Ele se preocupava em construir sua casa respeitando o meio ambiente. Era um artista e professor de história da arte.

Pacifista, tinha recusado se alistar na época da guerra. Cada vez mais eu me dava conta de como nossos valores coincidiam.

Um dia, Bill me telefonou para se desculpar por não ter me acompanhado até a porta na véspera. Eu lhe garanti que, sendo uma mulher liberada, não precisava daqueles mimos.

O que quero dizer é que, se a tivesse acompanhado, eu poderia ter-lhe dado um beijo de boa-noite - ele respondeu.

Dizem que tudo tem hora certa para acontecer. E tem mesmo. Eu dividia temporariamente um quarto apertado na casa de meu filho, planejando me mudar para um quarto alugado.

Bill e eu estávamos, digamos, namorando há apenas alguns dias quando ele disse:

- Seria divertido planejar nosso jardim juntos.

Isso significava que nossas vidas estavam se entrelaçando e nada poderia me deixar mais feliz. Logo, de forma doce e sensível, Bill sugeriu que nos casássemos para proteger-me de falatórios em nossa pequena comunidade. Eu disse que não me importava com as aparências. Depois de algumas semanas, surpreendi-me, um dia, sentada em seu colo. Ele me olhou e disse calmamente:

- Seria divertido planejarmos juntos o nosso casamento. Eu não sabia que meu coração era capaz de bater daquela maneira. Como eu poderia dizer não?

Organizamos um casamento elegante e refinado, numa lua cheia de junho. Tantas pessoas demonstraram vontade de comparecer à cerimônia que

pusemos um anúncio no jornal local, em que nossos quatro netos convidavam para o casamento dos avós.

No altar, eu disse as palavras que me vinham do coração:

- Tudo em minha vida me preparou para este momento mágico.

Tenho a certeza de que nada foi em vão. Bill e eu nos unimos num período da vida em que cada um já tinha passado por muitas vivências, momentos de dor e também de alegria. Finalmente chegamos a um estágio de paz interior, autossuficiência e amor-próprio.

Quando penso na nossa história, lembro-me da seguinte passagem:

Devo conquistar minha solidão por mim mesmo.

Devo estar bem comigo mesmo ou nada terei para oferecer.

Das metades não têm escolha a não ser se unirem e, sim, com certeza, elas formarão um inteiro.

Mas dois inteiros quando combinam...

É a beleza. É o amor.

As melhores e mais belas coisas da vida não podem ser vistas nem tocadas.

Precisam ser sentidas com o coração.

HELEN KELLER